

Relações Públicas: História de Vida dos seus Profissionais

Rosângela Generali
Escola Superior de Comunicação Social – ESCS
roswattt@gmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo descrever o método de história de vida, bem como a história de vida através da oralidade como importantes métodos a serem utilizados nas investigações em Relações Públicas. O método de história de vida é parte da abordagem biográfica, apresentando os conceitos-chave que fazem parte dos métodos e pontos de partida para uma investigação com o profissional de Relações Públicas decorrentes da aplicação dos métodos.

Palavras-chave: História de vida, abordagem biográfica, oralidade

Abstract

This article aims to describe the method of life history as well as the history of life through orality as important methods to be used in Public Relations' investigations. The life history method is part of the biographical approach, presenting the key concepts which are part of the methods and starting points for an investigation with professional Public Relations arising from the application of the methods.

Keywords: Life history, biographical approach, orality

Introdução

O objetivo do artigo é a apresentação do método história de vida que se insere dentro da abordagem biográfica, bem como a introdução do método História Oral de vida com os seus pontos importantes para a realização de um trabalho de investigação a ser utilizado por parte dos investigadores em Relações Públicas.

O elemento vital para o desenvolvimento do estudo centrado nas narrativas são os profissionais de Relações Públicas. Passa-se para estes profissionais o “protagonismo” das suas próprias histórias, ou seja, ao invés de portadores de informações sobre as organizações onde trabalham, as suas próprias histórias de vida passam a ser o foco de interesse. No entanto, noutros estudos, podemos ter a colaboração dos profissionais para relatarem factos que vivenciaram em determinados períodos, sobretudo, relacionados à atividade.

Este interesse seria um contributo para que pudéssemos ter um corpus documental a partir das histórias orais, que nos permitissem acrescentar histórias aos corpus já

existentes ou trazer novos elementos para determinados períodos. Muitas vezes temos tendência a deixarmos de lado estes contributos, assim, perdemos esta memória ao longo dos anos. Há que realizar trabalhos baseados nas narrativas (histórias de vida) para que possamos criar um corpus que seja de todo uma referência em termos presentes e sobretudo, para os estudos futuros.

Os estudos centrados nas narrativas dos profissionais estão a desenvolver-se sobretudo com os docentes. Noutros campos, desenvolvem-se na área da psicologia, com ênfase para os comportamentos desviantes.

Ao estudar as narrativas dos profissionais de Relações Públicas, abrimos o campo para percebermos inúmeros elementos importantes que podem ser descobertos através de simples histórias, por exemplo: Como os Relações Públicas viveram um período que foi determinante para a atividade em Portugal? Qual a influência dos media digitais num determinado grupo de profissionais durante *n* décadas? Estas são apenas algumas possibilidades para um campo que pode abranger uma diversidade de interesses.

Está a ser desenvolvido um trabalho de investigação com as histórias de vida dos profissionais de Relações Públicas em que o objetivo geral é o estudo da trajetória pessoal e o desempenho da atividade de Relações Públicas no séc. XX, não obstante os profissionais poderem continuar a exercê-la no séc. XXI.

A investigação procura conhecer “O como”, “o porquê” e “o quando” de uma profissão vistos através da história destes profissionais. Dentro do objetivo, questões que pontuam o nosso percurso estão assentes em “Como os profissionais chegaram ao exercício da atividade de Relações Públicas?”, “O porquê de seguirem esta escolha?”, “Quando seguiram esta escolha?” e outras questões que surgem com o desenvolvimento do que é visto como uma “conversa” para quem está diante de uma entrevista com características próprias.

Estas questões fazem parte do próprio percurso de vida dos entrevistados, não sendo necessariamente perguntas diretas. Outros percursos surgem durante as entrevistas, visto que os profissionais contam livremente as suas histórias e servem de base para as análises futuras.

Ao referirmo-nos as histórias orais de vida, convém ter presentes alguns conceitos-chave para o desenvolvimento de um trabalho que privilegia as narrativas obtidas através da oralidade e necessitam de serem contextualizados para que se possa ter bases suficientemente capazes de servirem como uma estrutura para a elaboração da investigação.

História Oral

Em termos de História, convém referirmos que a sua origem se baseia sobretudo no relato, ou seja, “a narração daquele que pode dizer ‘eu vi, senti’”. (Le Goff, 2003:3) A narração ao fazer-se presente, traz-nos referências importantes em que os trabalhos nesta área estão assentes, ou seja, torna-se evidente que em termos de História, o interesse fundamental percorre a História Oral que é considerada “tão antiga quanto a Antiguidade”. (Russell, s.d:1)

A história oral faz parte da própria história da humanidade, sendo assim considerada o método mais antigo de investigação porque é anterior à palavra escrita e ao mesmo tempo torna-se moderno quando a partir de 1940 se inicia com os gravadores e ao pensarmos em termos atuais, com as tecnologias digitais do século XXI. (Cf. Oral History Association, *site*)

A evolução das investigações têm vindo a desenvolver-se nas últimas seis décadas sendo consideradas de muito interesse pelos investigadores. (Cf. Oral History Philosophy, *site*)

A história oral tem vindo a consolidar-se como uma forma reconhecida no ato de contar histórias. Tal facto explica-se porque “as histórias orais podem fornecer perceções que não são normalmente encontradas em comentários mais tradicionais”. (Russell, s.d:1)

A importância da História Oral para registar as narrativas, tem finalmente, sido reconhecida pelos investigadores. Torna-se simples termos consciência de que “todos nós temos histórias para contar (...) e organizamos as memórias de nossas vidas em histórias”. (Moyer, 1999:2) Compreende-se como História Oral “o conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com a definição de um grupo de pessoas a serem entrevistadas e o uso futuro destas entrevistas”. (Meihs & Ribeiro, 2011:16)

As histórias orais normalmente são contadas por pessoas que falam da sua própria vida e as vidas das pessoas ao seu redor. Importa referir que “muitas vezes, uma história oral inclui detalhes e histórias que não existem em nenhum lugar que não seja na mente do indivíduo, portanto, preservar a história oral (...) deve ser uma prioridade”. (Powell, s.d:1)

Consideramos pertinente referirmos algumas etapas pelas quais o trabalho em história oral deverá passar, sendo a entrevista sempre necessária. As etapas seguintes baseiam-se nas etapas sugeridas no artigo “*Oral History Philosophy, procedures and evaluation*”:

1. Entrevista
2. Transcrição: a passagem do registo oral para um documento escrito
3. Auditoria de edição: conferência do documento escrito em comparação com o registo oral

4. Revisão por parte do narrador: após a elaboração da transcrição auditada, o narrador receberá o documento para revisá-lo.

5. Incorporação de alterações por parte do narrador: fazem-se as alterações sugeridas pelo narrador e o documento estará pronto para ser analisado e arquivado, conforme o objetivo do trabalho. A avaliação do trabalho começa a desenvolver-se na auditoria de edição e nas etapas seguintes quando o narrador começa a dar o seu contributo para o trabalho final.

Para além do registo oral, transcrição e análises, elaborar um “Diário de Campo” poderá ser uma mais-valia para quem tiver acesso ao trabalho realizado, visto que permitirá ajudar outras pessoas a entenderem a (s) entrevista (s). O diário deverá trazer informações relevantes tais como, “dizer quem, o quê, quando e onde”. (Moyer, 1999:6)

As entrevistas em história oral são tratadas como “meio” porque são consideradas um “natural encaminhamento para análises”. Importa referir que assim sendo, com esta alternativa estamos “a partir para a consideração da entrevista como *corpus documental provocado*” o que se refere “ao documento criado para determinada função, tornando-se essencial dar-lhe sentido analítico”. (Meihs & Ribeiro, 2011:14)

Memória

Inevitavelmente os trabalhos em História Oral apoiam-se na memória dos entrevistados porque, esta história oral que advém de entrevistas, conduz-nos a histórias de vida. Importa referir que ao realizarmos tais entrevistas estamos diante de uma recolha de “memórias individuais” e que no momento que são feitas em grupo, de “memórias mais coletivas”. (Cf. Pollak, 1992:201)

Aquando das entrevistas de histórias de vida, um aspeto importante é que não existe uma ordem cronológica pré-estabelecida, sendo assim, “os entrevistados voltam várias vezes aos mesmos acontecimentos, há nessas voltas a determinados períodos da vida, ou a certos factos, algo de invariante”. (Pollak, 1992:201)

Narrativa

As narrativas são de todo um material importante para o desenvolvimento de trabalhos na área de Relações Públicas porque “nós organizamos a nossa experiência e nossa memória dos acontecimentos humanos, principalmente na forma de narrativa – histórias, desculpas, mitos, razões para fazer e não fazer, e assim por diante”. (Bruner, 1991:1)

Convém termos assente o contributo que as narrativas dos profissionais de Relações Públicas podem trazer para a área e desenvolvermos mais estudos que privilegiam as

histórias contadas pelos profissionais, sobretudo porque “a narrativa é vista atualmente por muitos estudiosos como sendo de fundamental importância para a nossa vida mental e social”. (Cortazzi, 1994:157)

Precisamos sobretudo dar uma maior importância para as narrativas porque elas estão presentes no nosso dia-a-dia. Talvez por estarem tão presentes, tornam-se parte do nosso meio e nem nos apercebemos da relevância das mesmas enquanto detentoras de muito conteúdo para análise e acima de tudo do contributo para a área, sobretudo, para os estudos em Relações Públicas.

As narrativas fazem parte da nossa vida, ou seja, “a narrativa está sempre presente em todos os tempos e lugares, (...), está entre os homens, não se importando com a classe ou cultura”. (Puhl, s.d:2)

Importa referir que “o estudo da narrativa estende-se por uma ampla gama de atividades humanas, romances etc (...) e que estas formas de comunicação podem recorrer à capacidade humana fundamental para a transferência de experiências de uma pessoa para outra através de narrativas orais de experiência pessoal”. (Labov, 2011:5) O que distingue as narrativas de outras formas de relatar o passado é que existe uma relação estabelecida de “antes e depois (...) e coincide com as ordens dos eventos no passado (...). Podemos começar com uma definição mais básica a partir da qual, outras podem derivar: começamos com o entendimento de que a narrativa é sobre algo”. (Labov, 2006:37)

Ao percebermos a forma mais simples de definir uma narrativa, convém trazer alguns aspetos pertinentes para reforçar a definição, sendo assim, “a narrativa pode definir-se como sendo a representação dum acontecimento”. (Everaert-Desmedt, 1984:3)

Para que seja considerada uma narrativa precisamos ter em atenção dois aspetos importantes, como o facto de um acontecimento implicar uma transformação, ou seja, algo/alguém que passará de um determinado estado para outro. O segundo aspeto é que não basta ficar pela transformação para se tornar uma narrativa, terá que ser representado, ou seja, relatado por alguém. (Cf. Everaert-Desmedt, 1984:3)

Importa referir que a presença do “eu” nas narrativas é algo previsível, no entanto, “a catarse pessoal é um fenómeno naturalmente humano, ou seja, dependendo da pessoa e do contexto, ele ocorre com maior ou menor exposição do eu”. (Freitas & Galvão, 2007:223)

Revela-se o “eu” num primeiro momento, isto é, na entrevista, sendo apenas, o investigador – o ouvinte. Posteriormente é revelada enquanto documento escrito que poderá estar restrito apenas aos leitores com interesse real sobre estes aspetos, tornando-se assim “construída para eles, havendo aqui a noção de público, embora numa noção menor”. (Bakhtin, 1981:139).

A abordagem biográfica pode ser vista como livre, visto que os entrevistados, contam as suas histórias, as suas vivências e fazem estes relatos, no entanto, convém ter presente que “toda investigação narrativa se preocupa naturalmente com conteúdo “o que é dito, escrito ou mostrado””. (Riessman, 2007:53)

Para além do conteúdo, há que ter atenção que um outro aspeto é de suma importância para as investigações narrativas. As histórias narradas produzem um efeito para os próprios narradores, ou seja, “a pessoa procura dar sentido às suas experiências e, nesse percurso, constrói outra representação de si: reinventa-se”. (Passeggi, 2011:147)

Nesta reinvenção de nós de próprios, estamos a constatar que somos “a narrativa aberta e contingente da história de nossas vidas, a história de quem somos em relação ao que nos acontece”. (Passeggi, 2011:147) Desta forma, estamos diante de um aspeto que caracteriza a formação da nossa identidade.

A narrativa tem um papel fundamental nas nossas vidas porque “quanto mais formos capazes de dar conta a nós mesmos e aos outros da experiência vivida, mais ela é vivida conscientemente”. (Vygotski, 2002:78)

Da Biografia à História Oral de Vida

As biografias sempre foram alvo de interesse por parte dos indivíduos, no entanto, inicialmente interessaram “ao jornalismo e até a uma certa literatura que se centrava no estudo dos detalhes biográficos dos homens célebres”. (Tinoco, 2004:2)

Normalmente pensamos em biografias como pertencentes as pessoas “célebres”, importantes por feitos ao longo da história ou aos ricos e famosos imortalizados pelo cinema etc. Convém referir que “as memórias cotidianas de pessoas comuns (...) têm importância histórica. Se não se recolherem e preservarem essas memórias, essas histórias, então um dia, desaparecerão para sempre”. (Moyer, 1999:2)

Pode dizer-se que “durante o século XX, diversas ciências sociais e humanas propuseram uma miríade de possibilidades metodológicas que, ainda hoje, servem de esteio a todos os que se vierem a interessar sobre este campo de estudo”. (Tinoco, 2004:2)

A adaptação metodológica para o trabalho a ser realizado “nunca se apresentará como uma simples soma de técnicas que se trataria de aplicar tal e qual se apresentam, mas sim como um percurso global do espírito que exige ser reinventado para cada trabalho”. (Quivy & Van Campenhoudt, 1988:3)

Para este trabalho consideramos a definição: “a história de vida insere-se num amplo quadro da história oral, constituindo-se como uma forma de informação captada

oralmente”. (Moraes, 2004:167)

Nesta perspetiva, “assemelham-se às histórias de vida, as entrevistas, os depoimentos pessoais, as biografias; fornecem, todas elas, material para a pesquisa sociológica, porém diferem em sua definição e características”. (Queiroz, 1988:19)

As diferenças existentes estão na forma como o investigador orienta a sua própria investigação. Nas histórias de vida e na história oral de vida, o entrevistado é quem delinea o seu percurso, mesmo que o investigador tenha o controlo subtil da direcção da entrevista. Contrariamente, nos depoimentos orais, a entrevista torna-se claramente conduzida pelo investigador. (Cf. Moraes, 2004:168)

Com base nesta perspetiva, “a abordagem biográfica também chamada história de vida (...) surge como uma alternativa capaz de resgatar a riqueza e a importância das histórias narradas por pessoas anónimas ou desconhecidas, devolvendo às mesmas o seu lugar fundamental de fazedores de história, mediado por suas palavras”. (Moraes, 2004:168)

Neste movimento existente quanto à forma de uso das narrativas, temos ainda as narrativas de formação, segundo Nóvoa (1988:116) “as histórias de vida e o método (auto) biográfico integram-se no movimento actual que procura repensar as questões da formação, acentuando a ideia que ‘ninguém forma ninguém’ e que a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida”.

Estas reflexões sobre os percursos podem auxiliar na formação de novos profissionais e trazer um grande contributo para a formação dos profissionais que participam com as suas próprias histórias de vida.

O desenvolvimento do estudo

O percurso delineado anteriormente permite-nos avançar de forma mais objetiva no método História Oral de Vida que nos é útil enquanto método para a recolha das informações. A aplicação do método para o estudo sobre os profissionais de Relações Públicas retira-o da sua base inicial enquanto um método que trata de factos que seriam comuns na opinião pública, ou seja, histórias de pessoas que vivenciaram factos que são vistos como pontos de apoio da opinião pública, mas trazem os factos das histórias de vida relatadas pelos próprios entrevistados, numa perspetiva dentro da abordagem biográfica ou histórias de vida, como definidas *a priori*. Sendo assim, requer que o investigador delinear o percurso do trabalho e adapte-o conforme às necessidades de investigação.

Compreende-se como “História Oral de Vida” “a narrativa com aspiração de longo curso (...) que versa sobre aspetos continuados da experiência de pessoas. Trata-se de um

tipo de narração com começo, meio e fim”. (Meihy & Ribeiro, 2011:82)

Para a recolha das histórias orais de vida são utilizadas as entrevistas, no entanto, convém trazer uma distinção deveras importante para a História Oral de Vida porque não se consideram propriamente entrevistas no sentido de perguntas-respostas, assim sendo, “a distinção entre ‘perguntas’ e ‘estímulos’ é um dos segredos das entrevistas. Pretende-se em História Oral de Vida dar espaço para a expressão seletiva da memória, conduzir o menos possível o encontro”. (Meihy & Ribeiro, 2011:89) Estes estímulos podem passar por perguntas quando detentoras de grande importância e o entrevistado não tenha abordado tal tema, no entanto, não significa que alterará o facto de serem apenas estímulos.

Importa referir que as entrevistas em História Oral de Vida não são consideradas depoimentos porque quem controla o processo de decisão entre contar ou não determinados acontecimentos é o entrevistado, mesmo que a direcção das entrevistas seja feita de forma subtil pelo entrevistador. (Cf. Queiroz, 1988:21)

O estudo aplicado

No que concerne a amostra, no nosso caso, trata-se de uma amostra não probabilística por conveniência, constituída por doze entrevistados. Um estudo qualitativo através de entrevistas não estruturadas ou informais realizadas aos profissionais de Relações Públicas (com ou sem formação académica, mas que já tenham exercido à atividade).

As entrevistas são abertas, tendo linhas orientadoras de algumas questões que gostaríamos de ver tratadas, tais como: “O que são as Relações Públicas?” Importámo-nos em saber “Quais as leituras que os entrevistados faziam antes/depois do encontro com as Relações Públicas?” a fim de termos um conhecimento do universo literário dos entrevistados que atuam na área.

Etapas das Entrevistas

Privilegiou-se o contacto presencial para a realização das entrevistas que foram agendadas por contacto telefónico, sendo que os locais foram escolhidos pelos entrevistados. Os entrevistados tomaram conhecimento de que pretendíamos ouvir as suas histórias de vida, considerando pertinente o percurso académico e profissional, mas sem o desprezo de qualquer história que ocorresse no momento da entrevista.

As entrevistas foram agendadas no período compreendido entre 05 de maio de 2013 e 20 de junho de 2013, inclusive. Recorremos as gravações das entrevistas sem fixarmos uma duração. A duração total sem cortes é de 12 horas e 46 minutos.

Houve o cumprimento de todas as etapas, ou seja, a

entrevista, a transcrição, a revisão e incorporação de alterações propostas pelo entrevistado.

Quanto às operações de transformação, as transcrições literais foram realizadas a seguir a cada entrevista. Com a obtenção do primeiro documento (a transcrição revisada), recorremos à textualização, optámos pela eliminação das perguntas, correção de alguns erros, retirada de palavras sem peso semântico, mas neste caso, sem que fosse completamente inexistente porque considerámos que deixavam o texto mais próximo do oral. Quanto à transcrição, optámos por manter o caderno de notas sem que este fosse incorporado ao texto. Para o nosso objetivo de investigação, não considerámos pertinente acrescentar elementos externos ao documento final.

De posse dos textos finais, à medida que foram realizados, enviámo-los aos entrevistados com a total liberdade para que pudessem corrigir alguns aspetos para que os textos finais fossem validados pelos entrevistados.

Aspetos finais

Quanto às análises, estão-se a realizar, no entanto, os dados obtidos são ainda pontuais, visto que o estudo ainda não está concluído. A Análise Categrorial Temática tem como unidade de registo o “tema”, bem como as categorias “Percurso”. A acumulação de referências no percurso dá ao mesmo uma coerência que importa manter e que ajuda a explicar à história oral de vida dos entrevistados.

A Análise da Asserção Avaliativa procura medir a atitude face a um determinado Objeto, neste caso, as Relações Públicas.

Na Análise de traços de personalidade, a leitura atenta das histórias de vida permitirá aplicar a metodologia proposta pela Análise Transacional de Eric Berne identificando assim e de acordo com o modelo alguns dos Estados de Ego em que a personalidade dos colaboradores se estrutura.

Estas são as análises que de momento se consideram indispensáveis, na busca de um “perfil” do profissional de Relações Públicas, aspeto que ressaltou durante a execução das entrevistas, ou seja, é expectável a existência de um campo de dispersão onde haja limites bem definidos e onde se poderá levantar como hipótese que uma grande percentagem dos profissionais desta atividade se configure.

Os resultados já encontrados permitem referir a existência dos seguintes percursos: Percurso académico (como seria de esperar), Percurso pessoal, Percurso profissional, Percurso político; Percurso artístico (teatro, escultura, escrita).

Um ponto interessante a considerar nessa análise à história de vida é o encontro com as Relações Públicas e o que daí resultou. Um outro aspeto também interessante é

o confronto entre o desempenho profissional e um quadro teórico, em que se fez uma revisão da literatura.

Daqui surge ainda o confronto entre a delimitação de carácter mais ou menos teórica dos modos de desempenhar a atividade e aquilo que na sua história de vida os profissionais deixam perceber.

Finalmente ter-se-á em conta que os percursos encontrados são consequência das decisões que os entrevistados, livremente, tomaram no caminho a seguir quando contaram a sua história.

Bibliografia

- Bakhtin, M. (1981). “The dialogical imagination”, in Freitas, D. and Galvão, C. (2007). O Uso de narrativas autobiográficas no desenvolvimento profissional de professores. *Ciências & Cognição*, 12, pp. 219-233. <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/648/430> (acedido a 5 de setembro de 2013)
- Bruner, J. (1991). The Narrative Construction of Reality. *Critical Inquiry*, 18(1), pp. 1-21. <http://www.semiootika.ee/sygiskool/tekstid/bruner.pdf> (acedido a 5 de setembro de 2013)
- Cortazzi, M. (1994). Narrative Analysis. *Journal Cambridge*, 27(3), pp. 157-170. <http://journals.cambridge.org/action/> (acedido a 8 de setembro de 2013)
- Everaert-Desmedt, N. (1984). *Semiótica da Narrativa*. Coimbra, Livraria Almedina.
- Freitas, D. and Galvão, C. (2007). O uso de Narrativas Autobiográficas no Desenvolvimento Profissional de Professores. *Ciências & Cognição*, 12, pp. 219-233. <http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v12/vol12.pdf> (acedido a 8 de setembro de 2013)
- Labov, W. (2011). Oral Narratives of Personal Experience. *Cambridge Encyclopedia of the Language Sciences*, pp. 1-10. <http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/Papers/FebOralNarPE.pdf> (acedido a 5 de agosto de 2013)
- Labov, W. (2006). Narrative pre-construction. *Narrative Inquiry*, 16(1), pp. 37-45. <http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/Papers/NPC.pdf> (acedido a 5 de setembro de 2013)
- Le Goff, J. (2003). *História e Memória*. Campinas, UNICAMP.
- Meihy, J. C. S. B and Ribeiro, S. L. S. (2011) Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo, Contexto.
- Moraes, A. A. A. (2004). Histórias de vida e autoformação de professores: alternativa de investigação do trabalho docente. *Pro-Posições*, 15(2), pp. 165-173.
- Moyer, J. (1999). Step-by-Step Guide to Oral History http://dohistory.org/on_your_own/toolkit/oralHistory.

- html (acedido a 12 de setembro de 2013)
- Nóvoa, A. (1988). "A formação tem de passar por aqui: as histórias de vida no projeto Prosalus", in Nóvoa, A. & Finger, M. (Eds.) O método auto (biográfico) e a formação. Lisboa, Ministério da Saúde, pp. 107-129.
- Oral History Association
<http://www.oralhistory.org/about/do-oral-history/>
 (acedido a 18 de julho de 2013)
- Oral History Philosophy, Procedures and Evaluation
<http://library.columbia.edu/content/dam/libraryweb/locations/ohro/COH%20Three-Pager.pdf> (acedido a 18 de julho de 2013)
- Passeggi, M. C. (2011). A experiência em formação. *Educação*, 34(2), pp. 147-156.
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/8697/6351> (acedido a 07 de setembro de 2013)
- Pollak, M. (1992). Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*, 5(10), pp. 200-212.
<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080> (acedido a 03 de agosto de 2012)
- Powell, K. (s.d). Oral History Step by Step – Collecting & Recording Oral Histories
http://genealogy.about.com/od/oral_history/ss/oral_history.htm
 (acedido a 5 de setembro de 2013)
- Puhl, P. (s.d). Análise da narrativa no caso: Agosto.
<http://www.bocc.ubi.pt/pag/puhl-paula-rubem-agosto.pdf> (acedido a 10 de setembro de 2013)
- Queiroz, M. I. P. (1988). Relatos orais: do "indizível" ao "dizível", in Moraes, A. A. A. (2004). Histórias de vida e autoformação de professores: alternativa de investigação do trabalho docente. *Pro-Posições*, 15(2), pp. 165-173.
- Quivy, R. & Van Campenhoudt, L. (1988). *Manuel de Recherche en Sciences Sociales*. Paris, Bordas.
- Riessman, C. K. (2007). Thematic Analysis.
http://www.sagepub.com/upm-data/19279_Chapter_3.pdf (acedido a 3 de setembro de 2013)
- Russell, D. E. (s.d). Oral History Methodology, the Art of Interviewing
<http://www.history.ucsb.edu/faculty/marcuse/projects/oralhistory/199xDRussellUCSBOralHistoryWorkshop.pdf> (acedido a 25 de agosto de 2013)
- Tinoco, R. (2004). Histórias de vida: um método qualitativo de investigação.
http://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0349 (acedido a 5 de setembro de 2013)
- Vygotski, L. S. (2002). *Conscience, inconscient, émotions*. Paris, La Dispute.